

Reflexões finais

Como busquei apresentar a partir de uma aproximação histórica da cultura editorial alemã no primeiro capítulo deste livro, apesar da tradição das editoras alemãs no início do século XX, baseadas no conceito goethiano de literatura mundial e, portanto, interessadas na edição de literatura estrangeira, o interesse pela edição programática da literatura latino-americana moderna na Alemanha sofre um atraso, em muitos casos, de mais de um século, dando sinais de sua presença em meados dos anos 1960 e consolidando-se somente a partir dos anos 1970, com a fundação do programa para literatura latino-americana da editora Suhrkamp, em 1974, e então com a Feira do Livro em Frankfurt, em 1976. Os fatores que corroboram este atraso estão em teoria diretamente ligados à própria tradição editorial europeia como também ao conceito eurocêntrico de literatura mundial, assim como se reflete praticamente na falta e no despreparo de agentes mediadores no campo literário.

Como já mencionado, a institucionalização da área de estudos de literatura e cultura ibero-americana, latino-americana e, posteriormente, brasileira no país a partir de 1930, assim como o exílio, tanto de intelectuais alemães na América Latina durante o regime nacional-socialista, como de intelectuais latino-americanos nos países de língua alemã durante as ditaduras militares a partir dos anos 1960, são sem dúvida decisivos para a formação dos primeiros estudiosos, críticos, tradutores e editores com interesse na literatura do subcontinente. A reboque desta recepção tardia, não somente alguns títulos da literatura brasileira são traduzidos na RFA e na RDA, como também a literatura brasileira em tradução apresenta contornos de uma insularidade no campo.

A hipótese de sua insularidade se reforça a partir da análise dos documentos presentes no arquivo de Siegfried Unseld, com a qual me ocupei a partir do segundo capítulo. Todo o material da redação para a literatura latino-americana referente à recepção da literatura brasileira sublinha o lugar especial da literatura brasileira dentro do programa editorial da Suhrkamp. Neste caso, a produção da subsérie de volumes de ensaios suhrkamp taschenbuch materialien, fundada em 1979, assim como a edição do volume *Brasilianische Literatur* dentro desta série reforçam a especialidade da literatura brasileira no programa, além de sua filiação à produção crítica e acadêmica de um grupo de intelectuais e universidades do sudeste brasileiro, responsáveis pela hegemonia de uma concepção da modernidade brasileira e pela legitimação de um cânone literário. Vista não somente dentro do programa latino-americano da Suhrkamp, mas comparada à vasta e heterogênea produção em seu campo de saída, a literatura brasileira mediada pela editora Suhrkamp não expõe somente a publicação contínua

de títulos brasileiros, mas a configuração de uma concepção sobre a literatura brasileira, que em seus contornos se sobrepõe ao projeto literário nacional moderno, mas que em alguns pontos a põe à prova. Como procurei demonstrar, os contornos desta insularidade se apresentam desde o início da recepção pela obra de Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto e Adonias Filho, e apesar, de sua linha geral não ser pensada por um esforço consciente da editora para representar a heterogeneidade das literaturas do subcontinente, a forma da recepção da literatura brasileira se destaca dentro deste programa editorial.

Com o intuito de não simplificar as escolhas, critérios e estratégias de valoração dentro do programa da Suhrkamp, procurei no terceiro capítulo não somente discutir, com base nos materiais de arquivo, a fundação, em 1974, do programa editorial para a América Latina, como também as atividades da redação na recepção destas literaturas. Neste último caso, separei a redação entre agentes internos, redatores ou preparadores de texto em três gerações, e agentes externos que orbitam as atividades essenciais da editora, como *scouts*, tradutores e agentes literários. Figuras centrais neste caso são Michi Strausfeld, Hans Magnus Enzensberger e Curt Meyer-Clason. A eles se deve grande parte do sucesso do programa durante três décadas de produção. Durante a análise destas figuras cheguei a conclusão de que 1) suas posições e formas de valoração do objeto literário, principalmente através dos pareceres sobre livros de interesse à redação podem ser analisados como forma eficaz de crítica literária dentro da *Realpolitik* do mercado de bens simbólicos, 2) o papel exercido por redatores, tradutores e *scouts* na produção coletiva de livros não se separa facilmente um do outro, assim como não pode ser fixado em um lugar ou um momento isolado, pois estes atores estão em constante movimento de transferência e seus critérios e estratégias de valoração surgem na relação e no movimento e 3), no caso da análise da recepção de uma literatura em tradução, o manuscrito, enquanto suporte considerado em outros casos somente em sua uniformidade linguística, se desestabiliza e se expande através do seu caráter predominantemente híbrido e multilinguístico.

A análise de toda a recepção da literatura brasileira pela Suhrkamp se dá no quarto e último capítulo, no qual tratei caso a caso dos títulos publicados ou rejeitados pela redação da editora. Nesta análise, assumindo que todo manuscrito e todo livro delineia uma biografia singular de recepção, foi possível traçar alguns contornos de recepção, agrupando títulos, seja pela particularidade da atenção que receberam dentro do programa, seja pela escolha da série em que foram editados, seja pela sua rotulação, chegando a resultados reveladores sobre ciclos de recepção e ao delineamento de uma cronotopografia de uma edição sistemática da literatura brasileira que se inicia no ano 1970 e se encerra em 1994. O ano de 1982 se revelou durante a análise como marco histórico de um primeiro e decisivo ciclo receptivo através da publicação de quatro títulos brasileiros na Bibliothek Suhrkamp (*Gedichte*, de Carlos Drummond de Andrade, *Quincas Borba*, de Machado de Assis, *Die Nachahmung der Rose*, de Clarice Lispector, *Doralda, die weiße Lilie*, de Guimarães Rosa), a publicação de *Macunaíma* (1928) e o papel e atuação da editora no “Horizonte-Festival: Lateinamerika in Berlin”, assim como a subsequente publicação de autores contemporâneos como Ignácio de Loyola Brandão e João Ubaldo Ribeiro. Esse primeiro ciclo é sublinhado com a preparação e publicação do volume de ensaios *Brasilianische Literatur*, em 1984, no qual os autores publicados pela Suhrkamp figuram entre os autores mais importantes da modernidade brasileira. O volume de ensaios é um suporte significativo para a recepção dos títulos já

publicados e títulos futuros da editora, pois acaba sendo incorporado como material de estudo e apoio para estudantes nos departamentos de estudos latino-americanos e brasileiros nas universidades alemãs. Também como resultado da análise foi possível reconhecer autores brasileiros, cujas obras foram consequentemente publicadas pela editora, tornando-se, segundo um termo corrente no mercado editorial alemão, autores-Suhrkamp. Este é o caso de Clarice Lispector, Darcy Ribeiro, Ignácio Loyola Brandão, João Ubaldo Ribeiro e Osman Lins.

A saída deste primeiro ciclo da circulação da literatura brasileira promovida pela editora Suhrkamp se dá através de uma virada paradigmática em sua recepção, motivada claramente pela produção contemporânea de autores brasileiros em atividade desde os anos 1980. A partir dos anos 1990, a recepção da literatura brasileira não é mais determinada somente pelo exotismo e pela realidade político-social latino-americana, senão pelas narrativas com foco na violência urbana e no cosmopolitismo de seus narradores. O último suspiro deste primeiro ciclo é marcado pela Feira do Livro em Frankfurt de 1994, na qual a Suhrkamp apresenta a tradução monumental de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. Esse último suspiro é também o que torna ainda mais nítida a topografia que procurei marcar durante a minha análise dos títulos brasileiros editados entre 1970 e 1990. O contorno desta edição, como sugere o título deste estudo, se configura na imagem de uma ilha no campo literário alemão. Uma ilha, no entanto, em constante comunicação com outras ilhas no arquipélago da circulação global da literatura. De acordo com essa topografia da recepção, procurei também verificar a possibilidade de um *topos* literário recorrente entre os títulos editados, que marcasse a recepção da literatura brasileira pela editora Suhrkamp. A partir desta perspectiva de análise, pude notar durante a investigação do arquivo de Siegfried Unseld que o *topos* do *sertão* se apresenta sistematicamente não apenas nos títulos editados pela editora, como também como parâmetro receptivo no programa da redação da editora, marcado por títulos-chave do início até o final de todo o ciclo de mediação desta literatura: *Corpo Vivo* (1966), de Adonias Filho, *Angst* (1978), de Graciliano Ramos, *Das Jahr 15* (1978), de Rachel de Queiroz, *Doralda, die weiße Lilie* (1982), de Guimarães Rosa, *Sargento Getúlio* (1984) e *Brasilien, Brasilien* (1988), de João Ubaldo Ribeiro e *Krieg im Sertão* (1994), de Euclides da Cunha.

Durante toda a análise dos documentos do arquivo de Siegfried Unseld, foi possível se aproximar dos mecanismos receptivos e de valoração de textos, nos quais se baseava a editora Suhrkamp entre os anos 1960 e 1990. Termos como legível, traduzível e vendável surgem com frequência nas estratégias discursivas de valoração. Como se pode facilmente supor, estes termos estão correlacionados. O ilegível é para o redator aqui que não pode ser traduzido e, por conseguinte, não chegará a se materializar como livro. Ele é próprio do manuscrito, está reduzido a este estado do processo de escritura que não chega ao leitor. Porém, nem sempre redatores, editores e tradutores impedem consequentemente a intraduzibilidade ou a invendabilidade na passagem do manuscrito ao livro. Se é possível resumir a recepção da literatura latino-americana, e principalmente da brasileira, pela Suhrkamp, ela é feita em boa parte de títulos sem grande êxito comercial, mas com valor literário indubitável entre os mediadores. Antes de ser latino-americana ou brasileira, não há dúvida entre eles de que se trata de literatura no sentido estrito do termo. Este diagnóstico não é pouco, pois, observado com cuidado ele pode revelar ser um caminho para deslocar os critérios do universal na base do campo intelectual europeu justamente através das obras que este mesmo

campo põe em circulação. Um dos próximos passos seria perguntar como essas formas líricas e narrativas criadas primeiramente no Brasil influenciaram a literatura alemã recente. A pergunta já não deveria soar descabida quando se pensa menos no mercado editorial e mais no leitor interessado, próprio ele escritor e pesquisador de novas formas literárias. Vale lembrar que o espaço literário também é um espaço intertextual de leitura e pesquisa constante por novas formas.

Da fundação da editora Insel e seu reconhecimento como a editora da “Weltliteratur” na Alemanha, passando pelo programa internacional de Suhrkamp Verlag para a América Latina nos anos 1970, e chegando até os dias atuais, a discussão sobre o universal cedeu lugar a diversas discussões no campo da cultura, sempre em jogo com viradas epistemológicas nas ciências, na geopolítica e na ordem econômica mundial. Com a busca de identidade cultural pelas minorias e pelas zonas periféricas, abandona-se o universalismo e passa-se a falar, a partir do centro, em multiculturalismo, enquanto que, com referência à crescente circulação global de força de trabalho, produtos e valores culturais, e a comunicação interligada pela tecnologia, surge um termo tão fugidivo quanto o de literatura universal, a globalização. À aldeia global emerge então uma literatura global e um leitor global, todos eles agentes e produtos em transição e recriando os conceitos estanques de uma essência identitária local e nacional. Levadas estas preposições às suas últimas consequências, vive-se neste contexto a conjuntura ideal para a concepção multilíngue de *Orbius Literarum*, na qual seria, em tese, possível dispensar toda intermediação tradutória ou crítica, por exemplo, no consumo da literatura universal.

Mas é notório e reconhecido o fato de que toda conceituação aceitável sobre o universal ainda tem sido feita ou a partir de campos literários de prestígio cultural como o francês e o anglo-saxão ou precisa circular e ser chancelado por esses campos para que passe a ser motivo para produção bibliográfica e debate acadêmico ao redor do globo. Em *What is World Literature?* (2003), David Damrosch desenvolve um argumento original de que toda literatura passa a ser universal a partir do momento em que é traduzida e circula em outros campos literários além de suas fronteiras nacionais, mas, além de reafirmar bipolaridades consolidadas como centro e periferia, não se posiciona em relação à tradução e circulação do próprio conceito de literatura universal que está discutindo. Mesmo sem pensar no universalismo do século XIX, toda nova proposição, revisão ou crítica sobre o conceito tem tomado forma primeiro no hexágono ou no mundo anglo-saxão, como se o local de partida não fosse de importância determinante para a enunciação, acostumada a incumbir a si mesma o monopólio da nobre tarefa de fazer a mediação entre a produção literária local e a estrangeira.

O monumento da “Weltliteratur” erigido por Goethe e aplicado por iniciativas editoriais como a da Insel e da Suhrkamp no campo literário alemão do século XX não esteve livre de reproduzir cartografias literárias neoimperialistas e assimetrias culturais. A aproximação investigativa de uma editora como a Suhrkamp mostrou, no entanto, que estas cartografias também não estão imunes ao ruído e à incoerência contingencial de seus programas. O que muitas vezes, ao invés de universalizar os produtos postos em circulação através da tradução, “provincializa”⁸⁷⁰ o programa e o projeto universalista da editora. Visto como obra editorial, o que a mediação da literatura brasileira apresenta dentro do programa geral para a América Latina, que por sua vez, está dentro

870 No sentido empregado por Dipesh Chakrabarty cf. Chakrabarty (2000).

de um mapeamento da literatura universal empreendido pela editora, é o recorte de uma literatura que tem como moldura um conceito intraduzível como “sertão”. Mesmo quando ela interpreta, edita e, portanto, reacomoda textos fora desta moldura, como é o caso da obra de autores como Osman Lins ela perde algo desta intraduzibilidade no seu esforço interpretativo de equiparação. Neste ponto, obedecendo ou não a uma demanda de mercado, ela produz algo novo, um nome, uma marca, mas que, recebida sob os critérios acomodadores do campo receptivo não altera o campo literário de chegada, não insere ou questiona através da mediação o fundamento transnacional da própria linguagem no debate literário. O risco em recusar a potencialidade literária do intraduzível, como muitas vezes se demonstrou ao longo deste estudo, equivale a manter esta literatura encastelada em um interesse específico, como se não fosse mais Literatura, senão um informe mais ou menos literário do outro lado do Atlântico.

Como uma prática cultural profundamente implicada em relações de dominação e dependência, além de seu poder de formar identidades culturais ou mesmo criar a representação de uma cultura no campo receptivo, a tradução da literatura brasileira pela editora Suhrkamp revela assimetrias evidentes. O influxo de textos latino-americanos entre as décadas de 1960 e 1990 nas duas Alemanhas, se comparado ao influxo de textos alemães no mesmo período na América Latina é crucialmente menor. Além disso, o contínuo e crescente influxo de cânones ocidentais europeus no subcontinente desde o fim do século XIX, não somente criou representações e valores de uma literatura universal especificamente europeia no campo intelectual latino-americano, como também instrumentalizou e institucionalizou um caminho eficaz para o estabelecimento de identidades culturais nestes espaços, assim como para a participação de suas literaturas na economia global da cultura. Diante disso, surpreende menos o fato de que alguns autores latino-americanos terem provocado um *boom* editorial no centro da circulação da literatura mundial, depois de terem passado, entre a década de 1910 e 1940, por movimentos identitários decisivos em seu campo intelectual, envolvido por sua vez em um influxo dominante da tradução da literatura europeia às línguas latino-americanas.

Para além da relação da cultura brasileira com a hispano-americana e da diferença linguística entre elas, a configuração de ilha para a forma da presença da literatura brasileira dentro do programa latino-americano da editora Suhrkamp está intimamente ligada a um argumento baseado na intraduzibilidade constitutiva de toda forma de literatura. Ao fim, reconhecer a insularidade da literatura brasileira e sua moldura dentro da recepção da Suhrkamp é reconhecer com isso a falência de um projeto inicialmente interessado em homogeneizar a produção literária da América Latina. Como ficou claro ao longo da análise das edições, não foi somente a demanda de mercado que possibilitou a publicação de títulos brasileiros, mas a capacidade de tradutores, redatores e mediadores qualificados disponíveis no campo. “Qualificados” não se refere somente ao domínio da língua de saída dos títulos traduzidos, mas a uma capacidade em entender que toda literatura é um ato autóctone, feita para estar em movimento, isto é, ela que implica e é constituída pela viagem. Estes tradutores e mediadores foram os responsáveis não só pelo traduzível, quanto pelo intraduzível inerente à literatura brasileira. Após a análise dos mecanismos de recepção e circulação de uma editora, assim como dos atores envolvidos em seu programa o que fica exposto é que a intraduzibilidade não se dá somente no trabalho de tradução textual, mas também na forma de apresentação de autores e obras dentro de um recorte homo-

geneizante no mercado editorial alemão. Apesar dos esforços da editora, o que espero ter deixado claro com este estudo é que a literatura brasileira se manteve arreada ao arranjo em bloco e à ideia de unidade literária latino-americana.

Do ponto de vista institucional, a atuação da editora Suhrkamp na formação intelectual do pós-guerra, o seu projeto humanista fundamentado na relação de troca social e simbólica e de amizade entre o editor e seus autores e na materialização e circulação de bens culturais, da qual a literatura brasileira é uma parte integrante, pode ser considerado mais eficaz do que a atuação, organização e estruturação acadêmica das humanidades. Mesmo provedoras do debate pós-nacionalista, as universidades e institutos de pesquisa tendem a reimpôr coordenadas espaciais tradicionalmente nacionais e estruturas periodizantes em campos de saber, alguns deles inclusive inerentes aos *area studies*. Em muitos casos, a cartografia da História Literária encontra-se hoje defasada em relação ao empreendimento editorial, pois ela é ainda coagida pelo *habitus* nacional, pela rubrica aglutinativa da “Weltliteratur”, ou sequer sede espaço de análise ao processo e aos agentes envolvidos no trabalho entre o manuscrito e o livro.

Vale ressaltar mais uma vez que, tanto pela sua política de organização, quanto pela quantidade de material ainda não devidamente catalogado, o trabalho de investigação no arquivo da editora foi determinado através de encontros e achados contingenciais, que refletem, entretanto, não só os resultados da presente pesquisa como o *modus operandi* e as dinâmicas de valoração da própria editora. De fato, durante a reconstrução da recepção da literatura brasileira pela Suhrkamp chega-se à conclusão de que o trabalho interno da redação é aberto por influências, fatores e desenvolvimentos paralelos, muitas vezes até contraditórios e conflitantes. De fato, há intenções e projeções conscientes por parte da redação e do editor, mas estas facilmente entram em conflito entre si, uma vez que dependem de condições variadas e distintos atores para a sua execução. Até mesmo as intenções destes atores são cunhadas em grande medida pela contingência, que somente a *posteriori* pode ser forjado em uma unidade narrativa, que, no entanto, não apague estes traços conflituosos e contraditórios criados na contingência, que, pelo contrário, os torne visíveis.

A partir da presente investigação seria interessante desenvolver a fundo o conceito de *sertão* enquanto categoria literária ou enquanto termo chave da intraduzibilidade para o processo receptivo da literatura brasileira ao redor do mundo. Ele resta aqui como proposição futura. Seria interessante ceder capital simbólico a uma episteme sertaneja, tornar a intraduzibilidade um fulcro epistemológico, como o fez Barbara Cassin em seu dicionário de intraduzíveis (Cassin 2004). Espero, entretanto, ter exposto os desdobramentos de um capítulo da história da literatura brasileira ainda desconhecido e fora das fronteiras nacionais que se dá justamente no intercâmbio de ideias entre os atores em constante movimento. Uma vez exposto o trabalho dos bastidores da redação da Suhrkamp e, por conseguinte, ter apresentado os contornos deste projeto de mediação da literatura brasileira em língua alemã, espero que novos trabalhos surjam a partir desta contribuição.

Como resultado geral de pesquisa, através da análise da mediação da literatura brasileira, chego à conclusão de que por meio de seu projeto humanista, revigorado no pós-guerra pela crise do romance europeu, reinterpretado na extraterritorialidade, como também sob influência pelas demandas de mercado, a editora Suhrkamp foi responsável pela inserção de corpos estranhos no campo literário que até hoje fogem aos estudos comparados alemães. Fazendo de programas pragmatismo, a editora

teve um papel pioneiro nos anos 1970 e 1980 na publicação de literatura latino-americana e principalmente da brasileira. Mesmo pelo seu universalismo inicial, calcado pela “Weltliteratur” de Goethe, a Suhrkamp deu forma a um catálogo de literaturas diversas com projetos literários distintos que fugiu muitas vezes ao seu interesse comercial imediato e outras vezes ao seu projeto de ganho simbólico a longo prazo. Em um primeiro momento, este programa pode ser considerado coerente ao seu conceito inicial, mas basta provocar seus ruídos, arestas e lacunas, como tentei fazê-lo ao longo destas páginas, e desvela-se um trabalho de mediação para além de um conceito homogeneizante de literatura universal. Um trabalho de mediação no qual as projeções literárias e o poder de atuação no campo de cada mediador, como também dos objetos mediados, encontram-se tensionados entre si. Exatamente esta tensão relacional é o que uma pesquisa em arquivos editoriais com foco na relação entre os mediadores ativos no campo literário pode oferecer. Uma pesquisa como a presente, que desloque a atenção concedida à figura do autor para a relação entre mediadores, como redatores, editores e tradutores, e objetos literários em constante movimento e intercâmbio, é capaz de suplantiar alinhamentos regionais e nacionais e pode ser uma saída para o a abordagem – de via de mão única – que atravessa o conceito de “Weltliteratur”, já que uma abordagem relacional a partir da pesquisa em arquivos editoriais não pode ignorar dinâmicas assimétricas e desniveladas da valoração e da circulação do objeto literário, assim como de seus agentes no mercado cultural global.

